

A VELHA GUARDA

ÓRGÃO LOCAL DO PARTIDO REPUBLICANO PORTUGUÊS

Editor:

ALCINDO DIAS PEREIRA

Propriedade da Empresa de A VELHA GUARDA

Director:

VITORINO SIMÕES LOPES SAMPAIO

Redacção e Administração: Rua 31 de Janeiro, 165—Composto e impresso na Tipografia MINERVA VIMARANENSE: Rua 31 de Janeiro — GUIMARÃES

Um livro revelador “Odio incontido,, Crónica de viagem

A Snr.^a D. Berta Maia, viúva do malogrado Carlos da Maia, uma das vítimas do 19 de Outubro, acaba de dar publicidade a um livro da sua autoria — sobre os acontecimentos que trágicamente se deram em Lisboa naquela data, com os quais a República perdeu valorosos e indefectíveis republicanos, como Carlos da Maia, António Granjo e Machado dos Santos.

A dita Senhora faz revelações importantes e graves, cabendo à Justiça a averiguação delas, afim de todo o País ficar a saber quais foram os mandatários, neste caso os verdadeiros cúmplices, que, na opinião da Snr.^a D. Berta Maia, nunca chegaram a ser incomodados.

Para este efeito, nomeou o Snr. Ministro da Justiça um novo investigador — o Snr. Dr. Vicente de Vasconcelos, director da P. I. C. Não sabemos quem é o Snr. Dr. V. de Vasconcelos, mas esperamos fazer justiça à sua imparcialidade, qualidade indispensável para um assunto de tão grande e delicada importância. A opinião pública, agora, mais do que nunca, ansiosa para que se faça a verdadeira luz sobre a carnificina do 19 de Outubro, aguarda, com ansiedade e interesse, o resultado da conclusão das novas investigações. Não são para desprezar as declarações de Abel Olímpio — o “Dente de Ouro,” — sobretudo aquelas que referem à “Epoca,” — hoje a “Voz,” — e que são as seguintes:

— “O P.^o Lima levava-me à “Epoca,” para lá me darem dinheiro; foi ele quem me aliciou... Nas reuniões, ao ar livre, na Avenida, ali pela altura da Rua das Pretas, num 3.º andar da Praça dos Restauradores e na sua própria casa. Falava-se em vingar a morte de El-rei D. Carlos, empalmar o movimento revolucionário que se preparava, liquidando os republicanos, dando-lhes caça... principalmente aos de 5 de Outubro... Recebi do Maximiano Lima algum dinheiro... Falavam em 50 contos para remunerar... Cita nomes: Gastão de Matos, Luís Moutinho de Carvalho... Cheguei a levar o P.^o Lima ao Vasco da Gama; recebia dinheiro dele para fazer aliciamentos para os monárquicos e quando me mandaram para o Algarve foi um tal sargento Ferreira quem ficou a receber o dinheiro do P.^o Lima. Havia uma

lista de nomes de republicanos, na qual figuravam os de Machado dos Santos e Carlos da Maia; fui eu quem tirou da secretária do P.^o Lima a referida lista e conservei-a em meu poder até depois do 19 de Outubro; foi-me tirada da algibeira, após a minha prisão, pelo então adjunto da Polícia de Segurança do Estado — Virgílio Pinheiro —.”

— São estas algumas das declarações de o “Dente de Ouro,” que devem ser tomadas na devida conta para um completo apuro de responsabilidades.

Igualmente, o sr. Reporter X fez uma extensa exposição sobre o assunto, inserta no n.º 13 do semanário do Porto “República.” Fazem-se aqui as perguntas seguintes, tôdas dignas de registo, que passamos a transcrever:

— “Que motivos levaram o sr. Cunha Leal a demitir o director da P. S. E. e o seu adjunto, ao iniciarem-se as investigações sobre os crimes praticados?”

— “Porque foi dada ordem para ser pôsto em Liberdade o P.^o Lima, mandado prender por aquelas autoridades?”

— “A que influências obedeceu o regresso a Lisboa do “Dente de Ouro,” — que a Majoria General transferira para o Algarve, a pedido da P. S. E. — por ser monárquico?”

— “Porque foi preso o ex-adjunto da P. S. E. sr. Virgílio Pinheiro, que ordenara a prisão do P.^o Lima, fazendo-se-lhe uma busca em casa, com o propósito de apanhar a cópia dos documentos surripados por Campos Rego?”

— “Porque foi que o monárquico Campos Rego escolheu para sua ordenança um soldado da G. N. R. que havia sido um dos tripulantes da “Camionete,” fantasma?”

— “Que motivos levaram Campos Rego, monárquico, a fazer desaparecer do arquivo da P. S. E. todos os documentos relativos à conspiração do P.^o Lima?”

Aproveite a Justiça o que puder destas perguntas, porque alguma importância devem ter; pelo menos, é caso para meditar um pouco sobre elas. Nós não temos a pretensão egoísta de as fazermos verdadeiras e bem assim as declarações de o “Dente de Ouro,” — aqui apontadas, porque seríamos, embora caluniosamente, alcunhados de suspeitos; não pretendemos outra

O jornal «O Povo», publicou no seu numero de 12 do corrente uma correspondencia de Guimarães, na qual um punhado de republicanos — que tiveram a altivez de a assinar — manifestavam o seu sentimento pela irreparavel perda do grande apostolo da Liberdade e Democracia, dr. Magalhães Lima.

Pois tanto bastou, para que o semanario daquela cidade minhota «Ecos de Guimarães», transcrevesse a local com todos os nomes que a subsciveram e a encimasse com o traicoeiro titulo «Para que se saiba».

Tal processo de fazer imprensa é simplesmente infame. Então os cidadãos que assinaram a correspondencia não podem ter ideias, ou hão-de todos ler pela cartilha dos cavalheiros da «pola grey»?

Esses manejos jesuiticos — quem escreve estas linhas é catolico — uzados para atirar ás feras os republicanos de Guimarães, já não pegam por sedicos. Não querem lá vêr o lacaio de uma causa morta a apontar inquisitorialmente, ao vulgo e a quem manda, esses portuguezes de lei, porque sentindo a morte de Magalhães Lima manifestaram publicamente o seu desgosto por intermedio da Imprensa provando assim que quando se tem a consciencia livre se pode pensar tambem livremente?

Não o pensaram dessa forma os denunciante do berço da Nacionalidade. E' que provavelmente nem berço tinham quando nasceram, os tartufos.

Gil de Goes.

(De «O Setubalense»).

coisa a não ser a verdade — sejam quais forem os culpados.

No entanto, também não queremos que a nódoa da desonra se alastre somente no nosso campo, como tem sucedido, sem que para isso se tenha averiguado com rigor e critério, honestidade e isenção, quais os cúmplices e quais os mandatários dos crimes praticados no 19 de Outubro. Restabeleça-se, pois, a verdade, mas toda a verdade que ainda está transformada em mistério, recaia o desdoiro sobre quem recair.

Chamem-se aos Tribunais os principais culpados para honra e prestigio da República e não se perca esta ocasião, como outras já se têm perdido, para se dizer a quem cabem as responsabilidades de tão bárbaros, tão repugnantes e tão hediondos crimes, que enlutaram não só as famílias dos grandes caudilhos republicanos, cobardemente assassinados, mas também a própria República.

A ambição é a primeira e a mais característica prova da baixeza da alma. Suplício constante do ambicioso, é ela a escaldante obsessão existente no animo de quem vê, em tudo, um meio e um motivo de se locupletar avaramente, para que possa ter, sempre, os olhos postos em mil tesouros de inapreciável valia!

Enquanto a casa do ambicioso não estiver abarrotada, também o seu coração avidissimo não descança... E, — depois que já em sua casa não caiba mais nada, — nem assim acaba a sua vampirica voracidade: — o ambicioso construirá nova casa, — e outra e outras, — até que vem a morte e o leva, sem que, durante a sua vida, a sua cupidês sôfrega e sempre insatisfeita, haja tido um momento de socegado descanso!

Ao ambicioso nada lhe chega; o ambicioso, em seu pensar, nada tem! Daí o paradoxo: avareza e prodigalidade são como que a mesma pobreza...

O ambicioso e avaro julga-se pobre perante a sua consciencia absorvente; o pródigo é pobre porque tudo dissipa!

E', porém, notável a loucura, extremamente ridicula, do ambicioso, em julgar-se pobre no meio das riquezas que constantemente acumula! E essa loucura é no ambicioso um mau sentimento que nunca podemos perdoar-lhe! E — caso extranho! — o avaro não pensa nos pobres para não vir a ser como eles; e não pensa nos ricos senão para fazer-se mais rico do que eles!...

O avaro, onde vir o seu interesse, é aí que põe o seu entendimento; e, na dilemática escolha entre um ambicioso e um pródigo, eu vejo que é mais aceitavel o pródigo do que o ambicioso, pois que da prodigalidade ainda poderá resultar uma boa e terminal applicação de bens, quando é certo que do ambicioso e avaro nada, absolutamente nada há a esperar, porque ele é apenas semelhante a um terreno arenoso e estéril, que, absorvendo todos os orvalhos e chuvas, nem ao menos erva produz!!

Ambição e avareza confundem-se, entrando, infelizmente, na composição de quasi todos os crimes; e, se elas realmente encham a cabeça do desgraçado avaro e ambicioso, fecham-lhe, todavia, o coração...

Foi assim que o padre José Rodrigues Fernandes — o doído dos Pombais, ex-vigário de Azurem e actual abade de Guardizela — pôz a sua cerebral manha no arranjinho politico da aquisição, que conseguiu, da residencia paroquial, fechando cruelmente o seu mesquinho coração aquilo para que de bom, caridoso e útil ela estava destinado, — o Asilo dos Pobres!

E' que, — como no inicio desta crónica dizemos, — a ambição é a primeira e a mais característica prova da baixeza da alma!... Esqueceu-se mesmo esse indigno sacerdote, — que é um lindo ex-

poente do mais ensardinhado jansenismo, — do seu voto perpétuo, — por quatro vezes feito nas suas ordenações, — de absoluta e virtuosa pobreza voluntária, para assim se constituir um illustre, rico e digno irmão de Simão Mago...

A simonia agrada-lhe como ambicioso e avaro, como esfomeado e miserável que é!! Sim, esfomeado e miserável, aliás não teria cometido a torpêza ignóbil e a negredada baixeza moral que cometeu como denunciante para captar um asilo a fundar para os Pobres da sua própria terra e, muito menos, não teria descido ao ponto de cometer as feias acções que ora vamos principiar a referir e que definem o mais temerário dos ambiciosos e o mais imundo dos avaros.

Um estimado cavalheiro, residente numa freguesia próxima de Guardizela, tem uma quinta nesta freguesia; e, como era amigo dos párocos antecessores, — que eram simpáticos e dignos, — havia tido sempre, para com eles, a deferência voluntária de dar-lhes, anualmente, como primicia, um almude de vinho.

Assim o fez também, nos primeiros anos, ao actual jesuita que, para afronta de todos nós, preside aos católicos serviços de Guardizela...

Como, porém, esse cavalheiro, aliaz de carácter muito digno, se desgostasse um dia da baixa conduta do tal reverendo, que deixou de merecer-lhe qualquer simpatia, cortou-lhe a coleta e deixou de mandar-lhe o vinho tanto mais que nunca precisou, nem precisa, dos seus serviços para nada.

Parece incrível, mas é autentico: — o padre, em plena sacristia, disse ao caseiro da tal quinta que, subrepticamente, o tirasse ao senhorio e lho desse!!

E a objecção que o caseiro lhe fez, de que isso não fazia, porque era um roubo e portanto um pecado, respondeu-lhe o padre que para dar ao Senhor nunca era pecado roubar...

*

Ora aí têm os leitores e aquêles que apreciam a honestidade deste salafário, por hoje, bem nitida, a infamissima baixeza moral do Padre José Rodrigues Fernandes, que chega a descer a tais processos para sustentar a sua descomunal ambição, — ambição avára, negra, esfomeada, miserável!!!

Já nem o Gury, nem o Scavini, que não lê — ou, se lê, não comprehende, — o conseguem salvar das penalidades morais que os diversos teólogos cominam em casos destes.

Aquella consciencia absorvente, elástica, vampirica, não se lhe dá de aconselhar ao roubo em seu proveito abacial!

Deus perdôa contanto que o vinho seja roubado para si, porque, sendo para si, é como se fôsse para... o Senhor!!!

Que belo exemplo de padre!

Continuarei.

A. P.

Pela Instrução e Educação

Já dissemos o suficiente para elucidar sobre a missão do professor, responsabilidade que sobre si pesa, a preparação que lhe é exigida de harmonia com as racionais e justas necessidades da época decorrente, a tenacidade e espírito de sacrifício que ininterruptamente tem demonstrado comendado tudo com a cordura e com uma pertinaz evangelização da ordem e da paz.

Há excepções?
Onde as não há?
Na hierarquia social há degraus, existem camadas que disfrutam do poder — por sinal bem mal repartido — que gozam o privilégio da autoridade; cuja palavra oral ou escrita sugere na orientação da opinião pública, na directriz que a nau da governação pública deve tomar.

Os seus elementos componentes constituem adentro do elenco social com a tremenda responsabilidade do bom funcionamento da engrenagem do Estado, do saneamento, do levantamento do nível intelectual, do padrão cívico e moral da nação, da regularização da sua vida pública e da morigeração dos costumes da sua vida privada, em suma, de um salutar e propício exercício de todos os organismos promotores do progresso e felicidade de uma Pátria.

E o que se observa?
Seria pavoroso levantar uma pontinha do véu!

Comodamente instalados, horários talhados ao sabor, bem servidos do bôlo do Ministério do Dinheiro — para ali remetido tinto de sangue que se não vê, orvalhado de lágrimas que não escorrem, amassado em dores por tantos curtidas em silêncio, que admiraria que não houvesse uma deserção da linha do dever, que todos fossem uns fanáticos da honestidade, da dignidade, da lealdade, da austeridade e firmeza de carater?

Compare-se isto com a... já nem sabemos o que dizer a mais, pois os termos tão cruéis como apropriados e a propósito já se esgotaram... situação do professor primário e digam-nos se as excepções não têm grande dose de argumentos que as justifiquem.

Sinal dos tempos, consequências do exemplo.

Felizmente que é reduzidíssimo o número de elementos repositivos, perturbadores, indolentes e incompetentes; e as excepções não firmam regras.

E para esses mesmos parecia não termos palavras de desculpa.

Custou-nos e magou-nos sempre que não reconhecessem os nossos serviços; simultaneamente reprovamos a colegas nossos o seu desleixo e ausência de linha no cumprimento dos seus deveres profissionais.

Num país de vida exemplar seria facilimo o remédio: a quem não serve, proporcione-se-lhe outro modo de vida; a quem não quer servir indica-se o caminho da porta de saída.

Não estranhem estas palavras, nem julguem que estão a ler um immaculado.

A nossa testada terá muito que dar a varrer; mas desgosta-nos profundamente que nos apresentem argumentos irrespondíveis.

E assim terminamos o arrazoado relativo ao que nos toca por casa, para passarmos a apreciar a questão de que nos ocupamos sob os outros aspectos.

Guimarães 6 — 12 — 928.

J. F. B.

Este número foi visado pela Comissão de censura.

Caldas das Taipas

Alexandre da Costa e Silva, aquêlê honorabilíssimo cidadão que, felizmente, toda a gente conhece, como quer que há dias tomasse um ar no Tribunal desta comarca, escreveu, todo lampeiro e muito senhor de si, mais uma epistola na lampanina que imperturbavelmente continua a aceitar-lhe as escorrências porcas e anti-gramaticais. Diz o *sujeito*:

«Os nossos queridos leitores recordam-se da célebre «Velha Guarda», jornal que se publica nessa cidade, que há pouco tempo nos insultou e caluniou infamemente, chegando por vezes a botar epistola o conhecido senhor da Bouça, pigmeu no corpo e na alma? Pois bem: Todos esses insultos e calúnias tiveram o seu epilogo na passada terça-feira, no tribunal da comarca, com a sentença de absolvição do ilustre e mui digno magistrado».

Entendemos dever responder ao reles caluniador profissional, em poucas palavras, — que ruim defunto não merece largo dispendio de cêra.

O Alexandre foi absolvido de um dos crimes de que era acusado — o de vadiagem ficando em suspenso a resolução sobre o outro — o de ameaçar e de uso e porte de arma sem licença.

Não discutimos a sentença do primeiro, nem nos importa a que sobre o segundo venha a recair. Respondemos-lhe tão somente para lhe dizer e para tornar o público sciente de que, ao contrário do que êle pretende fazer crer com a sua porca correspondencia no «Ecos», o Alexandre não foi absolvido daquilo a que êle chama «*todos esses insultos e calúnias*», mas unicamente do crime referido.

Os insultos e calúnias mantêm-se. E da cadeia ninguém o livra se algum dia se apurar devidamente quem foi o *honrado cavalheiro* que surripou por um processo interessantíssimo e novo na arte de burlar, o incauto e ingenio *brazileiro de Roças*; quem foi o *esforçado trabalhador* que se abotoou com o dinheiro duma pipa de vinho que outrem mandou e que por outrem devia ter sido recebido; quem foi o *honestíssimo e virtuoso sujeito* que roubou — ou, dizendo por forma mais agradável, *furtou* — cinquenta escudos da carteira do falecido Zé do Ribeiro... E etc., etc., etc... e tal...

Mais uma... dentada

O «Conquistador», é de opinião que o Sr. Dr. Bernardino Machado *deve ser multado mais uma vez*, mas agora o *Orgão da Igreja, da Família, da Paz Social*, etc. — em vitude, talvez, dos seus sentimentos *crístãos e religiosos* — diz que a multa deve ser de... **400 centos!!!**

O que vale é que — vozes de... «O Conquistador», não chegam ao céu.

Ferro T para ramadas.

Arame alemão, garantido.

Não comprem sem confrontar preços na casa

PEDRO DE MOURA

Rua de D. João 1.º, 91,

Alegria satanica

Principiamos este artigo sob uma profunda impressão de tristeza.

Não é de malquerença, nem de revolta, nem de simples repulsa o sentimento que nos toma o espirito neste momento.

E' de profunda tristeza, sim.

E' que não compreendiamos a possibilidade de num jornal que se diz bafejado pela graça da Igreja, protegido pelos bispos portugueses, órgão do clero, e por vezes abençoado pelo supremo chefe, o Papa, que dá leis a todo o mundo catolico, se faça a apologia dum pai que deserda sua filha, deixando a na miséria, á mercê da caridade pública, sujeita a todas as desgraças, para alimentar um jornal politico-religioso, onde, por vezes, se destila o pior odio disfarçadamente ou sem sofismas nem ambages.

Mas, como de costume, para se não dizer que sofismamos ou torcemos, é melhor copiar.

*

As «Novidades» de sabado, 15 de Dezembro, de 1928, insere esta horrível e imoralíssima monstruosidade:

Naquela tarde, o pai chegava a casa da faina do dia, mais contente do que o costume.

Modesto funcionario, o seu ordenado dava-lhe para uma vida simples, sem exigencias e sem deslises.

A pequena propriedade que tinha na aldeia, patrimonio da filha unica, aumentava, decerto, o seu rendimento.

Era um mimo que só de vê-la se lhe enchia a alma de alegria.

Tanto melhor para dela se desapegar, entregando a Deus o produto da sua venda.

Era para a maior obra da sua gloria.

Deus providenciaria ao futuro de sua filha, de ambos.

E vendeu-a e entregou o seu produto integralmente para as Novidades que surgiam como uma esperanza.

Foi dos primeiros donativos que teve o nosso jornal, generosa migalha de amor que Deus tem abençoado, oh se tem!

E invocam o nome de Deus!

E dizem que Deus, infinitamente bom e piedoso, abençoa aqueles que deserdam, roubam, desprezam uma filha honesta e boa, em proveito dos... padres que querem um jornal para a sua política satanica!

Horrível!

*

Não temos palavras com que classificar semelhante doutrina. Uma tristeza enorme nos toma a alma e comprime o coração. Quasi asfixiamos.

Oh, pais que amais vossas filhas, que tendes nelas a única razão da vossa vida, que acalentais o seu afecto como o melhor bem da terra, que agradeceis a Deus ter-vos dado essa inestimável felicidade, reparai neste sentimento crístão das «Novidades», órgão de todos os padres portugueses, que divulga e propaga; — deserdar uma filha para encher o cofre daquele jornal, de forma que ali nada falte, se viva numa das melhores ruas de Lisboa, com instalações de luxo e se adquira uma força material que infunda medo aos fracos e cobardes, — é uma virtude crístã que Deus abençoa!

Assim insultam Deus!

Que importa que a filha, caindo na miséria, vendo-se sem recursos, não tenha força para resistir á desgraça, e sobrevenha a desonra e a prostituição, se o pai sugestionado — não há nada mais repugnante e vil do que roubar

E' espantoso!...

Na última sessão da Câmara, o talentoso vereador da hygiene, quando se apreciava uma reclamação do Sr. Sub-Inspector de Saúde, a bem da salubridade pública, permitiu-se a estulta afirmação de que esta autoridade sanitária nada tinha com esses assuntos.

Pasmem os vimaranenses ante a capacidade técnica do Sr. vereador que entende que já nada valem os funcionários de Saúde nem as respectivas leis.

E' por isso que nós continuamos a viver no meio de montões de lixo e entulho que se acumula e permanece por vários pontos da cidade.

E' por isso que a limpêsa e a hygiene das ruas andam absolutamente descoradas e para atravessarmos a cidade, em qualquer direcção, temos de tapar o nariz para não aspirarmos o cheiro nauseabundo das estrumeiras e dos esgotos.

Há um regulamento de saúde com disposições taxativas que deviam beneficiar a hygiene da cidade e garantir a salubridade da habitação e o bom estado sanitário individual e colectivo, mas, em Guimarães, há vereadores da hygiene que são superiores a tudo isso.

E' espantoso.

Que dirá a isto a Direcção Geral de Saúde?

Acertou

Disse o «Conquistador», que «... da mentira alguma coisa fica».

Estamos plenamente de acôrdo, porque se assim não succedesse também o *humilde servo do Senhor* não poderia justificar a sua existencia...

Natal dos Pobres

Do estimado gerente da filial do Banco Nacional Ultramarino, desta cidade, recebemos a quantia de vinte e cinco escudos, parte de uma subscrição aberta entre os funcionários de esta filial, para distribuirmos por dez pobres, em esmolas de 2550.

«A Velha Guarda» agradece em nome dos contemplados e cujos nomes publicamos no proximo número.

os próprios filhos — entregou ás «Novidades» o patrimonio que era dela, o seu amparo, a sua vida?!

O pai, o monstro, ia cheio de alegria ao comunicar que cometera aquela horrorosa acção, pior do que se praticasse o crime de filicidio, desapegando-se da propriedade que era um mimo, o patrimonio da filha para o entregar ás «Novidades»!

As «Novidades» aceitaram-no!
As «Novidades» dizem este repugnante acto abençoado por Deus!

As «Novidades» incitam todos os pais a que deserdem e lancem na miséria os filhos!

E' assim o seu catolicismo, o seu cristianismo, a sua piedade religiosa!

Alegria satanica!

(Da «Montanha»).

Uma exposição de quadros

Apareceu ontem ornamentado com quadros o taipal que veda as obras na Praça D. Afonso Henriques.

Trata-se da exposição ao público dos projectos e contas do edificio dos Paços do Concelho.

Vê-se que a Comissão Administrativa tem louvável empenho em tornar conhecida tôda a documentação referente a esta importante obra. Não nos parece porém que seja o melhor processo para isso a deslocação das planas do átrio da Câmara para a via pública, nem a discussão ou o estudo se fazem melhor.

Quem se interessa pelo projecto, quem deseja apreciar e comentar a obra dirigi-se á sede do municipio e não vai procurar elementos á via pública á guisa de anúncio de cinema.

GASA DE SANTA TERESINHA

Rua da República, 122

GUIMARÃES

ÁRVORE DE NATAL:

Lindos brinquedos para crianças de tôdas as idades.

Gramofones, grafonolas e discos dos mais modernos e das mais acreditadas marcas. Magnifica consolda.

Artigos religiosos e para brindes. Papalaria e objectos de escritorio. Preços sem competencia.

Se V. Ex.^{ma} ainda não visitaram a ÁRVORE DE NATAL da Casa de Santa Teresinha não se esqueçam de o fazer. Lá há de tudo. Só vendo se pode acreditar.

Porcarias

Lembramos á Ex.^{ma} Comissão Administrativa da Câmara para que se faça cumprir rigorosamente o Código de Posturas na parte a que se refere ao lançamento de águas ou quaisquer detritos sobre a via pública.

Ainda há dias, por um triz, um nosso amigo se livrou de apanhar em cheio com um balde de água suja, na ocasião em que passava na rua Francisco Agra.

Esperamos que a Ex.^{ma} Câmara tome as necessárias providências.

Nos seus presados assinantes, colaboradores e correligionários e áqueles que, longe da sua Pátria, mantem bem viva a chama do ideal sagrado da Liberdade e da República, deseja «A Velha Guarda» boas-festas e que o novo ano lhes seja muito feliz.

PARA PINTAR MURALS

USE A

MURALINE

UMA TINTA QUE SE

prepara em 10 minutos seca em 10 horas e dura 10 anos